

A ENTREVISTA COMO UM GÊNERO DO DISCURSO: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

José Calais Cerqueira Neto – calais.calais@hotmail.com
Mestre em Letras. Professor de Língua Portuguesa pela SEC/BA.

Adelino Pereira dos Santos – adesantos@uneb.br
Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO: Este ensaio tem por objetivo apresentar estudos teóricos sobre o gênero discursivo entrevista, como fundamentos para projetos de ensino na educação básica. Para tanto, consultamos uma breve e heterogênea bibliografia sobre este gênero do discurso, publicada no Brasil nos últimos 40 anos, oriunda dos campos epistemológicos da Filosofia da Linguagem, da Análise de Discurso, da Linguística Textual e de outros Estudos Sociais. Trabalhos dessa natureza se justificam pelas dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, no que se refere à disponibilidade de materiais teóricos e práticos sobre o gênero entrevista, de modo a auxiliá-los no cotidiano das salas de aula. Consideramos válida a afirmação de Marcuschi (2008) de que embora não sejam novos, estudos sobre gêneros discursivos estão na moda. Apesar disso, no entanto, pouco se dispõe de recursos e de bibliografias consistentes sobre os gêneros discursivos, muito embora os professores sejam constantemente orientados por documentos oficiais a torná-los objetos para o ensino da leitura, da produção de textos e da análise e reflexão sobre a língua.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Gênero do Discurso; Ensino de Língua Portuguesa

1 AS CONFIGURAÇÕES DO GÊNERO ENTREVISTA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DESSE GÊNERO DISCURSIVO

Neste ensaio, apresentamos uma pesquisa bibliográfica sobre o gênero discursivo entrevista, primeiramente articulada como capítulo da dissertação de mestrado sobre a retextualização da entrevista da modalidade oral para a modalidade escrita da língua, defendida por um dos autores deste trabalho, em agosto de 2015. Aqui, nosso objetivo principal é fornecer aos professores de Língua Portuguesa da educação básica um apanhado sobre o conhecimento desse gênero discursivo, a partir de uma breve, mas significativa bibliografia publicada no Brasil desde a década de 1970, com especial relevo para o campo jornalístico, já que a entrevista jornalística foi objeto de investigação de nossa pesquisa de mestrado. Embora os professores de língua sejam constantemente orientados ao trabalho com os gêneros discursivos, sobretudo por meio de documentos oficiais que servem como parâmetro para o ensino, pouco ainda se tem publicado sobre os gêneros discursivos de *per se*, isto é, sobre os gêneros enquanto objetos epistemológicos, de modo a subsidiá-los na elaboração de projetos de ensino para a sala de aula da educação básica.

Por este sentido, consideramos a relevância de trabalhos desta natureza, na esperança de possam servir aos docentes de Língua Portuguesa que deles tiverem conhecimento, como apoio aos seus possíveis projetos de ensino.

Mas, a princípio, o que é uma entrevista? Talvez esta seja uma pergunta aparentemente fácil de responder, mas que pode apresentar múltiplas facetas, dependendo da abordagem teórica que subsidia a pesquisa. Para Morin (1973, p. 115), “uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação”. Segundo esse autor, essa definição contempla tanto a entrevista nas Ciências Sociais quanto a entrevista concebida pela comunicação social, mesmo existindo uma diferença na natureza da informação. Essa diferença consiste no fato de que nas ciências sociais a informação se enquadra no sistema metodológico e verificador. Já na comunicação social obedece às normas jornalísticas, geralmente com finalidade espetacular. O autor ainda apresenta outro aspecto que diferencia a entrevista científica da entrevista jornalística: enquanto a primeira interessa a um público reduzido e específico, a outra alcança um público vasto e diversificado. Na verdade, a teoria que fundamenta o gênero entrevista advém principalmente dos estudos realizados no campo das Ciências Sociais. Essa circunstância evidencia a dificuldade de estabelecer uma nítida fronteira entre o domínio das Ciências Sociais e o da comunicação social, principalmente quando se considera a comunicação humana como ponto convergente entre as duas perspectivas na abordagem do gênero em estudo.

Medina (1990), antes de apresentar o seu conceito para o gênero entrevista, faz uma abordagem sobre as duas perspectivas que o envolvem: na primeira, o gênero é visto como uma eficaz técnica para obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário; na segunda, é visto como um instrumento de comunicação humana, onde as relações interpessoais são construídas pelo diálogo. Para a autora, a definição do gênero entrevista está diretamente relacionada a esses dois aspectos: o da técnica, se o foco estiver direcionado à consciência profissional; e o do diálogo, se o foco estiver relacionado à comunicação humana. Isso posto, ela considera que

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1990, p. 8).

Percebe-se claramente, por essa definição, que a autora compreende o gênero entrevista como um instrumento da comunicação humana. Ela ainda afirma que a entrevista, se vista sob a perspectiva puramente da técnica, é fria nas relações entrevistado-entrevistador, não atingindo os limites possíveis da interrelação, ou seja, não estabelece o diálogo. A expressão “diálogo”, tão valorizada por Medina (1990) na definição do gênero em estudo, estabelece uma estreita relação

com o pensamento bakhtiniano sobre as relações dialógicas, conforme se pode observar no excerto a seguir:

Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p.117, grifo dos autores).

A compreensão da relação dialógica defendida por Bakhtin (2011) extrapola a simples citação composicional do discurso do outro. Na verdade, o que o autor define como dialogismo é a construção de sentido estabelecida a partir da interação entre um EU e um TU. Essa concepção dialógica defendida intensamente por Medina (1990) como ideal no processo de comunicação entre os sujeitos sociais do gênero entrevista, ancorada no pensamento bakhtiniano de linguagem, não encontra espaço se o gênero for considerado como técnica.

O estudo do conceito de entrevista a partir da perspectiva das Ciências Sociais é importante, em função da influência que a fundamentação teórica dessa área de conhecimento exerceu sobre a construção do arcabouço teórico do gênero discursivo entrevista jornalística. Esse estudo permite estabelecer uma comparação do conceito de entrevista nessas duas esferas de atividade humana que se utilizam do mesmo gênero discursivo. Lodi (1986, p. 13) afirma que “a entrevista sendo essencialmente um método de coleta de informações coexiste com outros dois métodos mais conhecidos: a observação e a documentação”. Já para Annette Garrett (1977, p. 17) “[...], a entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua”. A partir dessas definições, pode-se verificar que, na esfera das Ciências Sociais, a entrevista é vinculada à obtenção de informações. Embora esses conceitos valorizem o caráter técnico-profissional da entrevista nas esferas científicas em função de sua informação ser vinculada a um fim prático, os autores destacam o processo psicoafetivo presente na entrevista como o principal elemento ligado à comunicação entre os sujeitos sociais. De acordo com Morin (1973),

A entrevista é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa (MORIN, 1973, p. 116).

Essas definições do gênero entrevista deixam evidente que não existem diferenças conceituais acentuadas entre o domínio discursivo das Ciências Sociais e o domínio discursivo da comunicação social, haja vista o elemento comum entre as duas esferas de atividade: a comunicação humana. Talvez, as diferenças entre esses campos se apresentem de forma mais evidente em relação ao caráter não-público, às vezes, até mesmo sigiloso das informações das Ciências Sociais. Nessa esfera, as informações ficam restritas aos seus interlocutores; já a entrevista telecommunicante se dirige a todos, sendo uma ferramenta de comunicação de massa.

O gênero discursivo entrevista apresenta várias configurações. Cada configuração em que esse gênero se manifesta tem uma relação direta com as características do campo discursivo no qual ele está inserido. Constatamos, assim, que ao mesmo tempo em que o gênero impõe restrições e padronização, também é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação. A compreensão plena do caráter heterogêneo do gênero discursivo entrevista está diretamente relacionada à teoria bakhtiniana sobre campo de atividade humana e gêneros discursivos. Para o autor,

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifo do autor).

Nesta perspectiva, o gênero discursivo entrevista se destaca, pois se apresenta de maneira bastante diversificada na sociedade, manifestando configurações de acordo com as particularidades de cada campo que o utiliza. Sobre esse aspecto, Annette Garrett (1977, p. 15) amplia o horizonte dessa ação humana afirmando que “todas as pessoas são, de uma maneira ou de outra, envolvidas na entrevista: ora entrevistando ora sendo entrevistadas”. Tendo como referência essa afirmação, pode-se pontuar que todos os seres humanos, ainda muito cedo, em diversas esferas de atividade de sua atuação, vivenciam intensamente em seu contexto social esse gênero, exercendo alternadamente o papel de entrevistado e entrevistador, às vezes, até de forma inconsciente.

Hoffnagel (2010, p. 195) também comenta sobre a forte presença do gênero discursivo entrevista na vida das pessoas em suas várias manifestações: “a entrevista já se tornou uma força poderosa na sociedade moderna.” A autora ainda afirma que as pessoas desde muito cedo experienciam o gênero entrevista nas mais diversas situações em que têm que enfrentar perguntas colocadas por pessoas ou profissionais de domínios discursivos diversos, como educadores, psicólogos, pesquisadores de opinião pública, médicos, empregadores, além de ouvir, assistir e ler entrevistas jornalísticas na mídia cotidianamente. Para a autora, esse gênero discursivo é tão

marcante na vida das pessoas que o desempenho do indivíduo no papel social de entrevistado é decisivo para seu sucesso em áreas estratégicas de sua vida profissional:

Nossa habilidade em desenvolver o papel de entrevistado influi em nosso sucesso nos campos da educação e trabalho; nossas respostas ajudam a determinar se recebemos serviços básicos como, por exemplo, empréstimos bancários ou pagamento de benefícios (HOFFNAGEL, 2010, p. 195).

Algumas pessoas, no exercício de suas atividades profissionais, dedicam grande parte de seu tempo entrevistando. Assim, advogados, professores, médicos, enfermeiras, jornalistas, ministros, conselheiros, empregadores, chefe de pessoal, todos conversam rotineiramente com pessoas buscando informações, auxiliando ou aconselhando. Essas pessoas, segundo Annette Garrett (1977, p. 15), “Adquirem assim um variado desenvolvimento na arte de entrevistar, às vezes conscientemente, com mais frequência, porém, inconscientemente”.

Essenfelder (2005) é outro autor que relata a presença do gênero entrevista na vida cotidiana das pessoas. Para ele, a convivência com esse gênero é tão natural e espontânea que elas não conseguem perceber a simplicidade com que o compartilham no dia-a-dia em todo momento e, muitas vezes, classificam-no como algo distante de sua realidade discursiva. Como bem destaca esse mesmo autor,

O gênero entrevista faz, em realidade, parte da vida de todos nós, e se manifesta, talvez com menos glamour, cotidianamente, quando pedimos informações sobre um pacote turístico, novo lançamento da indústria automotiva ou durante uma sabatina de emprego estamos reeditando, informalmente, um conceito mais amplo de entrevista (ESSENFELDER, 2005, p. 15).

Essa plasticidade do gênero entrevista não representa um consenso entre os teóricos. Silva (2009) afirma que existe uma enorme confusão em torno do gênero devido à polissemia imbricada no termo “entrevista”, que é direcionado a diferentes gêneros com o mesmo nome, pertencentes a domínios discursivos diversos. Na opinião da autora, o gênero entrevista é subdividido em vários outros gêneros com propósitos e finalidades específicas. Ela lembra que

O termo “pingue-pongue” faz referência à organização textual do gênero, o qual se caracteriza por apresentar, no corpo do texto, uma sequência de perguntas e de respostas, diferenciando-se da entrevista face a face e do discurso citado do entrevistado em outros gêneros (por exemplo, reportagem, notícia) (SILVA, 2009, p.16).

Sobre essa discussão, Hoffnagel (2010, p.196) afirma que “tomando gênero como um evento comunicativo e não uma forma linguística, podemos considerar a entrevista como uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos.” Essa

afirmação revela a falta de precisão na definição do gênero entrevista. Isso ocorre em função da existência de uma estrutura geral comum marcada por perguntas e respostas a todos os tipos de manifestações em que se realizam, mesmo apresentando características específicas e estilos diversos de acordo com cada campo de atividade.

Embora não exista consenso entre muitos teóricos, acreditamos que a definição de gênero formulada por Bakhtin (2011, p.262) contempla perfeitamente a complexidade apresentada pelo gênero entrevista, ao afirmar que gêneros discursivos são “enunciados relativamente estáveis”. A palavra “relativamente” revela a existência de certa flexibilidade do gênero, característica da dinâmica da própria linguagem humana. Já a palavra “estáveis” estabelece uma padronização do gênero entrevista que o caracteriza e diferencia de outros gêneros discursivos.

Essa flexibilidade do gênero permite que, mesmo dentro da esfera de atividade do jornalismo, a entrevista jornalística assuma várias configurações, de acordo com o suporte, o público alvo etc. Na próxima seção, abordaremos os vários tipos de entrevista jornalística.

2 ENTREVISTA JORNALÍSTICA: CAMPO DE CIRCULAÇÃO E SUPORTES

A constituição de um gênero discursivo, sua seleção e aplicação em detrimento de outros em uma determinada situação sociodiscursiva estão relacionadas ao espaço social ou campo de atividade humana no qual o sujeito discursivo está inserido. Todos os gêneros possuem um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional que refletem os objetivos e finalidades de seu campo de atividade. Essa é uma constatação óbvia, pois todo gênero discursivo materializado em texto situa-se em um ou mais campos de atividade que criam condições favoráveis às práticas discursivas. Essa estreita relação entre campo de atividade e seleção de gênero discursivo está ancorada na teoria bakhtiniana, que afirma: “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do *discurso*” (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifo do autor).

Em seus estudos sobre os gêneros discursivos, Bakhtin (2011) classifica os campos de atividade em dois grandes grupos: os campos de atividade onde circulam as ideologias associadas ao cotidiano (familiares, íntimos, comunitários etc.) e os campos de atividade onde circulam as ideologias mais complexas (moral, arte, ciência, religião, política e imprensa). O autor também afirma que cada campo de atividade possui especificidades; por isso, o homem, observando essas condições específicas de cada campo discursivo, em seu processo de comunicação, construiu formas particulares de enunciados: os gêneros discursivos.

Marcuschi (2008) usa a expressão domínio discursivo para designar um campo ou instância de produção discursiva ou de atividade humana (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, familiar, lúdica etc.) no qual ocorrem práticas organizadas de comunicação e estratégias de comunicação. Segundo o autor, cada domínio discursivo não fica restrito a um gênero discursivo, mas propicia o surgimento de gêneros discursivos bastante específicos. O domínio do jornalismo apresenta um número considerável de gêneros discursivos orais e escritos, responsáveis pela produção de ações comunicativas com propósitos e objetivos específicos, dentre eles, o gênero discursivo entrevista, conforme se pode observar no quadro apresentado pelo autor:

Quadro 1 - Gêneros discursivos do campo de atividade do jornalismo

Domínio discursivo	Modalidade de uso da língua	
	Escrita	Oralidade
Jornalismo	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; carta ao leitor; carta do leitor; etc.	Entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevistas coletivas; notícias de rádio; notícias de TV; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico e boletim do tempo.

Fonte: Marcuschi (2008, p. 195)

Mas, compreender o campo de atividade do jornalismo em toda sua plenitude implica refletir sobre as condições sócio-históricas de sua origem e evolução e na sua função sociodiscursiva na vida social. Para Melo (2003), o advento desse campo de atividade está relacionado à necessidade humana de buscar informações. Segundo o autor, informar e informar-se são elementos básicos da socialização humana. Esses elementos foram potencialmente acentuados na Europa central dos séculos XV e XVI pela complexidade resultante do novo modelo de organização social (o surgimento da burguesia e a decadência do Feudalismo), pelo crescimento acelerado da população e pela crescente superação dos obstáculos espaço-temporais. Esse novo contexto possibilitou ao sujeito um papel mais ativo na sociedade, afigurada na eclosão de revoluções burguesas, que transformaram a informação em um bem social, político e econômico.

Esse novo quadro social caracterizado pela necessidade de informações de natureza sociocultural, burocrática, política, mercantil e financeira deu origem ao campo social de atividade do jornalismo, tecnologicamente materializada pelo surgimento da imprensa. Conforme Melo (2003, p. 19), “as primeiras manifestações do jornalismo – as relações, os avisos, as gazetas, que circulam escassamente no século XV e XVI – atendem à necessidade social de informação dos habitantes das cidades, dos súditos e governantes”.

Como se pode observar, a forma embrionária do campo de atividade do jornalismo foi cristalizada pela existência de um ambiente sociopolítico favorável à sua gênese. Além desses fatores, Lage (2012) apresenta o baixo custo de produção como elemento motivador para o surgimento e consolidação dessa esfera de atividade humana. O autor afirma que produzir jornal era uma atividade barata; a sua produção exigia apenas a existência de uma prensa móvel, papel e tinta, e sua tiragem limitava-se a apenas centenas ou alguns milhares de exemplares para atender a um público leitor restrito, composto de funcionários públicos, comerciantes e seus auxiliares imediatos.

Melo (2003) afirma que a natureza política assumida pelo campo de atividade do jornalismo desde a sua origem como processo social colocou-o na contramão dos interesses absolutistas vigentes na sociedade feudal da época, provocando a implantação da censura prévia. Tal medida retirava do jornalismo o caráter de autenticidade, caracterizado pelos processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura. Ainda conforme Melo (2003, p. 21), “a ausência de periodicidade nas publicações impressas que circulam na Europa antes do século XVII não é uma contingência meramente tecnológica, mas um fenômeno tipicamente político”.

O fim da censura prévia com a ascensão da burguesia no século XVII possibilitou ao jornalismo se caracterizar como uma expressão de opinião, em função de se transformar numa atividade comprometida com o poder político, com a difusão de ideias, pelo combate de princípios e pela defesa de pontos de vista em seus primeiros momentos de afirmação. A expressão opinativa do jornalismo logo trouxe incômodo aos novos donos do poder, que, por meio de instrumentos de natureza econômica (criação de taxas, impostos e controles fiscais) e cerceamento político, estabelecendo a censura *a posteriori*, medraram o jornalismo opinativo, estimulando o jornalismo informativo. Para se atingir a atual configuração, um longo caminho foi percorrido desde aquela época; as expressões informativas e opinativas adotadas simultaneamente ou alternadamente refletiram as condições políticas nessa trajetória espaço-temporal e foram responsáveis pelo surgimento de diversos gêneros discursivos do campo de atividade do jornalismo, como se pode verificar no quadro 1.

Bakhtin (2011, p. 262) afirma que “em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo”. O que comprova que a evolução da esfera jornalística, ao longo de sua história, principalmente pelo advento de novos suportes, provocou mudanças significativas em sua forma de expressão, em decorrência do surgimento, assimilação, transformação ou eliminação de novos gêneros.

Outro aspecto relevante para a compreensão de um gênero discursivo é o suporte. A esse respeito, Charaudeau (2013, p. 105) afirma que “todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir sentido”. Procurando demonstrar a importância do suporte na escolha de um gênero textual, o autor enfatiza que o desempenho de um ato comunicativo está associado às condições materiais *ad hoc* de sua realização. Nessa perspectiva, uma entrevista realizada face a face é diferente de uma entrevista escrita ou realizada por meio de qualquer outro suporte (e-mail, telefone, rádio ou televisão), pois as condições em que a entrevista ocorre impõem restrições à sua realização; assim, fica evidente que mesmo sendo de natureza material, o suporte não pode ser compreendido como um recurso indiferente à mensagem que veicula ou como um meio cuja mensagem se ressinta de suas características.

Para Marcuschi (2008), a questão do suporte dos gêneros discursivos ainda é uma discussão em andamento; mas, dialogando com Charaudeau (2013), pontua que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. O autor ainda aponta a dificuldade de estabelecer, em certos casos, o limite entre gênero e suporte, em função da relação de contínuo existente entre eles. O outdoor, segundo o autor, é um exemplo dessa dificuldade. Inicialmente foi reconhecido por ele como gênero, mas, agora, é tido como suporte para vários gêneros discursivos. Mesmo admitindo a incipiência dos estudos acadêmicos sobre os suportes, Marcuschi (2008) suscita uma reflexão sobre o tema com dois questionamentos: qual o papel do suporte na relação com os gêneros? Tem o gênero características distintivas adicionais quando realizado e acessado em um ou outro suporte? Em resposta às duas indagações, Marcuschi (2008, p. 174) afirma que o suporte “é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado.” Fica evidente, na perspectiva do autor, que um gênero só se materializa por meio da expressão de um determinado suporte. Assim ele define o suporte como

Um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2008, p. 174)¹.

Essa definição apresenta três características importantes para a compreensão de suporte: a sua caracterização como ambiente físico ou virtual; com formato específico; e servindo para exibição ou fixação de um texto.

Charaudeau (2013) afirma que o gênero discursivo entrevista jornalística se torna acessível à sociedade por intermédio de diferentes suportes midiáticos: imprensa, rádio e televisão. Esses

¹ Esse conceito de suporte, segundo o próprio autor, não se aplica aos gêneros discursivos orais.

suportes obedecem a diferentes regras de funcionamento, possui materiais diferentes e provocam efeitos diferenciados sobre um público que, aliás, é específico em cada suporte. A classificação acima não dá conta da variedade de suportes em que o gênero discursivo entrevista jornalística se ancora, pois desconsidera as novas tecnologias como suporte desse gênero. A seguir, realizaremos uma incursão ao universo da entrevista jornalística, para compreendermos as particularidades de cada tipo. A esse respeito, pouco se tem publicado no Brasil nos últimos anos, apesar das metamorfoses que possivelmente esse gênero discursivo tenha sofrido, a fim de adequar-se aos novos recursos midiáticos disponíveis na atualidade. Assim sendo, e também por restrição de espaço, na seção a seguir nos ateremos às descrições e discussões conforme nos foram apresentadas por Morin (1973) e Medina (1990).

3 ENTREVISTA OU ENTREVISTAS? OS TIPOS DE ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

A plasticidade dos gêneros discursivos é uma característica importante para a compreensão das diversas variantes do gênero entrevista jornalística impressa. Qualquer leitor consegue perceber a diferença entre as entrevistas jornalísticas veiculadas nas mídias. Isso ocorre em função de o gênero apresentar variações de acordo com os objetivos e as circunstâncias específicas. Embora não exista consenso em torno dos tipos de entrevistas jornalísticas apresentados por diversos autores, neste trabalho tomamos como referência a relação apresentada por Morin (1973) e Medina (1990).

Morin (1973) classifica a entrevista em dois grandes blocos: entrevistas com o objetivo de espetacularização do ser humano e entrevistas com propósito de compreendê-lo em sua plenitude. A partir dessa macro-classificação, o pesquisador francês apresenta quatro tipos de entrevista, segundo o grau de comunicação:

- **A entrevista-rito.** Nessa entrevista, o pesquisador afirma que esse tipo marca acontecimentos, cerimônias, encontros oficiais, tendo como objetivo principal fazer ouvir a voz, autenticar o acontecimento pelo audiovisual. Como exemplo, ele cita as palavras de um desportista campeão: “Estou muito contente por ter ganhado...” As próprias palavras da entrevista-rito são rituais. Elas completam a cerimônia, afirma o autor.
- **A entrevista anedótica.** É um tipo de entrevista em que os mexericos são valorizados. O objetivo é revelar fatos curiosos da vida de personalidades. Segundo o pesquisador, nesse tipo de entrevista, o entrevistador estabelece uma conversação sem nenhum valor ou importância, procurando permanecer distante de tudo que possa comprometê-lo.

- **A entrevista diálogo.** Quando uma entrevista é bem sucedida, extrapolando a técnica fria e distante do jornalismo puramente profissional, transforma-se em um diálogo. Esse diálogo não é sinônimo de conversação frívola, mas instrumento no qual entrevistador e entrevistado buscam a verdade sobre a vida do entrevistado ou sobre um assunto em discussão.
- **As entrevistas neoconfissões.** Nesse tipo de entrevista, o entrevistador não exerce um papel protagonista. O entrevistado, personagem principal da entrevista, conscientemente ou não, realiza um mergulho interior, abandonando a sua própria superfície. Segundo o autor, essa é a entrevista em profundidade da psicologia social. Entretanto, ele diz que as confissões reveladas podem representar uma atitude sensacionalista com a finalidade de impactar a audiência. Esse risco, porém, é preferível, pois toda confissão vai muito mais distante que todas as relações humanas superficiais.

Morin (1973) deixa claro em sua classificação uma crítica à superficialidade das duas primeiras entrevistas e manifesta seu entusiasmo pela raridade das duas últimas. Mesmo admitindo que se trata de uma classificação sintética, fica evidente que não contempla a diversidade de tipos de entrevistas jornalísticas impressas. Sobre esse aspecto, Medina (1990) lança mão dos dois grandes grupos (espetacularização e compreensão) considerados por Morin (1973), porém apresenta uma nova classificação de subgêneros para cada grande grupo:

- **Subgêneros da espetacularização:**

1. **Perfil do pitoresco.** Tipo de entrevista muito explorado pela mídia; nele se desenha o retrato do perfil humano, por meio de entrevistados proeminentes, geralmente pessoas de destaque em suas respectivas áreas de atuação, de quem se exploram quase que exclusivamente a fofoca, o grotesco, os traços sensacionalistas e o picante de acordo com o modismo sexual.
2. **Perfil do inusitado.** Nesse tipo de entrevista não se buscam informações comuns ou cotidianas da vida do entrevistado. Buscam-se aquelas que revelem o lado desconhecido do entrevistado do grande público ou que o caracterize como um sujeito excêntrico ou exótico.
3. **Perfil da condenação.** Tipo de entrevista tipicamente do jornalismo policial, conduzido com a finalidade implícita de buscar a condenação do “bandido”, com raras exceções a do policial. Ancorada em uma visão maniqueísta em que o ser humano é visto na relação mocinho/bandido, julga e condena antecipadamente o indivíduo entrevistado.

4. Perfil da ironia “intelectualizada”. Ironiza sutilmente as ideias, por meio de contestação.

A seleção de frases, as contradições ocasionais, isoladas do contexto, e a adjetivação atribuída pelo entrevistador ao entrevistado acabam por transformar em monstro o mocinho original.

• **Subgêneros da compreensão-aprofundamento:**

- 1. Entrevista conceitual.** Nesse tipo, o entrevistador atua como mediador, buscando pessoas especializadas de diversas áreas para discorrer sobre temas complexos. A autora ainda afirma que esse tipo de entrevista se interessa por conceitos, não em comportamentos, por isso se entrevista um filósofo, economista, sociólogo, um cientista etc.
- 2. Entrevista/enquete.** Nesse tipo de entrevista, o tema é o principal da pauta e busca-se mais de uma fonte para depor em relação ao tema, admitindo, para padronizar a enquete, uma pauta ou questionário básico. Nesse tipo de entrevista não existe seleção das fontes, sendo o aleatório a regra jornalística, porém, é necessário um número significativo de depoimentos para dar forma de uma enquete especializada.
- 3. Entrevista investigativa.** Iniciada nos Estados Unidos com o Caso Watergate², esse tipo de entrevista visa investigar informações que não estão ao acesso do jornalista. Temas polêmicos ligados à administração pública, como gestão de recursos, abusos de poder, desvio de conduta de autoridades, entre tantos outros, são os preferidos para que se paute esse tipo de investigação. A habilidosa entrevista em off (entrevista em que a fonte da informação ou notícia não é revelada) é a técnica essencial desse tipo de trabalho.
- 4. Confrontação-polemização.** Tipo de entrevista que se configura em debate, mesa-redonda, painel, simpósio ou seminário sobre temas polêmicos, onde o contraditório e a chamada semente da discórdia se fazem presentes. Esse tipo de entrevista exige a mediação de um profissional com habilidades de instigação, investigação, e que seja porta-voz de dúvidas das pessoas comuns.
- 5. Perfil humanizado.** A entrevista com a função de traçar um perfil humanizado não busca espetacularizar o ser humano, por meio de descrição de características grotescas do

² O caso Watergate, um episódio de escuta ilegal na sede do partido democrata por elementos ligados ao governo, abalou a história americana. Esse marco foi fruto do trabalho de dois repórteres do jornal Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein, que foram além na invasão do Edifício Watergate, em Washington.

entrevistado ou explorá-lo sensacionalisticamente. Na verdade, faz um mergulho no interior da pessoa, procurando compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórias de vida.

A relação exposta não esgota as possibilidades de manifestação dos tipos de entrevistas, pois outras classificações são apresentadas por outros consagrados estudiosos do gênero, entre eles destacam-se Lage (2012) e Charaudeau (2013), todavia não serão objeto de apreciação no presente estudo, pois seria necessário um trabalho com uma abordagem específica sobre os tipos de entrevistas para dar conta das inúmeras possibilidades de ocorrência desse gênero jornalístico.

Na próxima subseção, aprofundaremos o estudo sobre a entrevista em seus aspectos mais estruturais, sem desconsiderar ao todo as possibilidades de relação interlocutiva entre os sujeitos sociais.

4 ENTREVISTADOR E ENTREVISTADO: UMA RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO OU CONFRONTO?

Até pouco tempo, os estudos teóricos sobre o gênero discursivo entrevista jornalística privilegiavam o papel exercido pelo entrevistador, relegando ao entrevistado um segundo plano, como se o sucesso para a realização de uma boa entrevista dependesse exclusivamente do entrevistador e de suas estratégias. Mesmo no atual estágio da teoria sobre o gênero discursivo entrevista jornalística ainda existem opiniões divergentes sobre a importância assimétrica do entrevistador em relação aos outros interlocutores na constituição da entrevista. A assimetria existente entre os interlocutores da entrevista jornalística em favor do entrevistador pode ser observada nas considerações de Schneuwly e Dolz:

[...] uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como no jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73).

Para ampliar essa discussão, procurando estabelecer uma diferença entre o entrevistador das ciências humanas e o da comunicação social, Morin (1973) afirma que enquanto nas ciências humanas a entrevista está voltada diretamente à pessoa do entrevistado, às vezes, na comunicação social, o entrevistador se transforma na personagem principal da entrevista. Ele afirma que a profissão de entrevistador é extremamente valorizada, principalmente nos Estados Unidos. Os especialistas na arte da entrevista são verdadeiros artistas, sendo, além de bem cotados, raros. Descrevendo o entrevistador da comunicação social, o autor afirma que o jornalista deve ter o dom

enfático, suscitar a simpatia, ao mesmo tempo, do entrevistado e do público. Não reconhecendo as classificações rígidas dos tipos de entrevista, à semelhança do entrevistador das Ciências Sociais, ora ele é espontaneamente não-diretivo, ora profundamente polêmico, exercendo, circunstancialmente, o papel de ouvinte em alguns momentos e, em outros, o de provocador. Sobre esse aspecto, Morin (1973) considera que “o entrevistador completo é um polivalente apto a ser ao mesmo tempo provocador e ouvinte. Podemos perguntar se esse modelo de dialogador (provocador-ouvinte) não foi até o presente desconhecido nas Ciências Sociais”.

Assim, pode-se concluir que um jornalista, para exercer bem o papel de entrevistador, tem de saber dosar, ou melhor, saber alternar de acordo com as circunstâncias do momento o papel de provocador e o de ouvinte.

Giordani (2007) afirma que o foco da entrevista deveria estar direcionado ao entrevistado. Segundo Sampaio (1971 *apud* GIORDANI, 2007, p. 48), “na medida em que o repórter ou entrevistador é um mero intermediário entre o público receptor e o fato, é o entrevistado que representa o fato jornalístico, então, ele é o primeiro plano”. Essa afirmação, na prática, não representa uma realidade absoluta, pois muitas pesquisas desenvolvidas na área da comunicação social comprovam que, em muitos contextos, o entrevistador não só detém o controle sobre a última palavra, mas sobre todas as palavras, transformando-se em principal condutor do processo interlocutório da entrevista. Nessa perspectiva, há uma inversão da lógica da entrevista que determina que o entrevistado deve ficar em primeiro plano, estabelecendo ou conduzindo o ritmo e a ordem da entrevista. Sobre essa hegemonia do entrevistador na comunicação social, Fausto Neto (*apud* GIORDANI, 2007) ressalta:

Uma vez que a questão da verdade será sempre uma construção – espécie de ‘meia verdade’ – é que o campo da mediologia, através dos seus mais diferentes suportes, cria diferentes ‘gramáticas de produção’ como estratégia de produção e de referenciação de sua verdade. Tais gramáticas são os ‘contratos de leitura’, instruções e regras pelas quais o campo da produção oferece, sim, a verdade ao receptor, à condição que ele tome como roteiro as instruções e manobras que lhe são recomendadas. (FAUSTO NETO, *apud* GIORDANI, 2007, p. 49)

Portanto, pode-se perceber que o entrevistador, representando sua empresa midiática, pode ter uma maneira especial de ver e dizer a forma e o caminho discursivo que seus interlocutores devem seguir, com a finalidade de se utilizar da voz ou argumento de autoridade do entrevistado para dar legitimidade ao discurso ideológico da empresa jornalística que representa, atuando diretamente junto à audiência.

Medina (1990) apresenta algumas diferenças entre a entrevista das Ciências Sociais e a da comunicação social e afirma que os críticos ferrenhos do jornalismo dizem que o entrevistador das

Ciências Sociais é preparado, aprende mais técnicas e sistematiza conhecimentos, em detrimento do entrevistador do jornalismo que age de improviso, confiando em seu faro jornalístico. Embora seja procedente, a fronteira só é estabelecida pela deficiência de aprendizado. A rigor, a teoria sobre o jornalismo no Brasil ainda é recente e se localiza em um patamar com pouca consciência sobre suas reais possibilidades. A maturidade teórica do entrevistador está sendo atropelada pelo jogo de cintura, pelo faro ou pelas agilidades inatas ou pseudoinatas; portanto, segundo a autora, se o entrevistador das Ciências Sociais é preparado, o da comunicação social também deveria ser.

Ainda em relação ao entrevistador, Medina (1990) apresenta algumas características ou atitudes a serem construídas, que contribuirão para o sucesso de seu trabalho jornalístico: a necessidade da produção de uma pré-pauta, que situe o entrevistador em uma posição confortável em relação ao tema e ao entrevistado; o preparo do entrevistador, por meio da construção de um repertório generalista acumulado - uma visão do social, do político, do econômico, sensibilidade e conhecimentos sobre os fatos culturais; e o desenvolvimento de um perfil que atue positivamente no desenvolvimento da entrevista. Ainda sobre a formação do entrevistador, a autora afirma que “desenvolver o encadeamento de perguntas, interferências, interrupções, reorientações no discurso do entrevistado é, sem dúvida, a demonstração de um desempenho maduro do repórter” (MEDINA, 1990, p.29).

Oyama (2013) alerta sobre o risco de o entrevistador exercer o papel absoluto de protagonista da entrevista. Ela chama a atenção para a necessidade de o entrevistador controlar seus impulsos excessivos de estrela, deixando o entrevistado discorrer sobre a temática abordada sem sofrer atropelamentos, interrupções em seu raciocínio ou assaltos súbitos em seu turno nos momentos mais preciosos. Geralmente, segundo a autora, os entrevistadores, por uma questão de ansiedade, incorrem em um erro fatal para a entrevista, quando invertem os papéis, desejando serem ouvidos pelo entrevistado.

A mesma autora considera que,

Para ser um bom ouvinte e, conseqüentemente, um bom entrevistador, é necessário controlar o próprio ego. Ou, em outras palavras: esquecer quem você é, o que sabe, o que pensa sobre o assunto em questão e lembrar que só o entrevistado existe neste momento: ele é o centro do universo e todos os seus sentidos estão voltados para ele (OYAMA, 2013, p.30).

Pode-se verificar que a assimetria tão propagada em muitos manuais teóricos do jornalismo midiático em favor do entrevistador, às vezes, é um equívoco tremendo. Para conseguir sucesso em uma entrevista, o repórter deve se preocupar em ouvir o entrevistado, deixando transparecer

claramente o interesse em suas respostas, além de motivá-lo com o objetivo de fazê-lo relatar os fatos de forma muito mais profunda do que sua intenção inicial.

Lodi (1986) realizou uma pesquisa direcionada às Ciências Sociais sobre as características dos entrevistadores desse domínio discursivo, mas que se aplica integralmente aos entrevistadores de qualquer outra esfera de atividade humana. Segundo esse autor, a pesquisa demonstrou que a eficácia e a importância do entrevistador nunca foram questionadas em qualquer área, mesmo ocorrendo milhares ou milhões de entrevistas diariamente no espaço global.

Embora o número de entrevista realizado por um jornalista possa ser elevado, em cada situação é necessário se utilizar de formas e estilos diferentes de entrevistar, pois, em cada entrevista, o entrevistador se envolve com pessoas diversas, que apresentam sentimentos, valores e reações absolutamente diferentes, uma em relação às outras; portanto, é impossível ao entrevistador adotar um mesmo comportamento diante de uma realidade tão complexa.

O modelo canônico da entrevista proposto por Hoffnagel (2010) estabelece a existência de dois interlocutores no processo discursivo, entrevistador e entrevistado, cabendo ao segundo simplesmente responder às perguntas formuladas pelo primeiro. Segundo essa proposta, o entrevistador exerce o papel de protagonista no contexto da entrevista, restando ao entrevistado um papel secundário e basicamente passivo. A experiência com o gênero entrevista nos mais variados meios de comunicação levanta dúvidas sobre essa afirmação, pois são recorrentes episódios em que o entrevistado literalmente conduz o andamento da entrevista, deixando o entrevistador em posição defensiva. Evidentemente, qualquer definição que procure traçar um perfil do interlocutor entrevistado, encontrará dificuldade em estabelecer características que contemplem esse sujeito sociodiscursivo em toda sua plenitude. A dificuldade se evidencia em razão não só das várias manifestações em que o gênero se apresenta, mas, sobretudo pelo caráter de sua matéria prima: o ser humano, com toda sua diversidade e características específicas. Conforme Garret (1977),

A entrevista se processa entre os seres humanos, os quais, sendo marcadamente individualizados, não podem ser reduzidos a uma fórmula ou padrão comum. Sem dúvida, existem certos traços psicológicos que caracterizam, quase sempre, a maioria das pessoas (GARRETT, 1977, p. 16).

São considerações que mostram a dificuldade em construir um perfil que enquadre todas as particularidades do entrevistado. Essa dificuldade não fica restrita às especificidades do entrevistado, mas também às do entrevistador, ou seja, entrevistador e entrevistado, seres humanos individualizados, envolvidos na relação sociodiscursiva da entrevista, exercem influência mútua na construção de seus respectivos perfis.

Para ter desenvoltura em um fenômeno de complexidade psicossocial indiscutível como a entrevista, o repórter precisa compreender que sua relação com a fonte extrapola a objetividade técnica, por meio da valorização de seu papel social materializado em uma interação discursiva intensa. Esse estágio deve ser precedido por um período de reconhecimento mútuo, no qual entrevistador e entrevistado precisam cumprir rigorosamente a primeira etapa da entrevista, que consiste, segundo Medina (1990), na observação mútua, no “namoro” e na busca recíproca da confiança.

A diversidade de perfis de entrevistados exige do repórter inúmeras habilidades na condução de uma entrevista, evitando eventuais desvios de seus objetivos e propósitos, produzidos por digressões pessoais ou circunstanciais da natureza da própria entrevista, como encenação, dissimulação, respostas evasivas etc. Se o jornalista apresentar um comportamento democrático em relação à sua fonte, evitará da mesma forma atitudes monolíticas, autoritárias e agressivas ou a construção de barreiras psicossociais, durante a entrevista, pelo entrevistado. Sobre a situação inicial de uma entrevista, a autora afirma:

Mesmo tomando como referência uma situação ideal de empatia entre entrevistador e entrevistado, o que se coloca de imediato – em todas as entrevistas – é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. De fato, as pessoas andam armadas umas em relação às outras. Então, no que se refere ao contato com jornalistas, o caso é mais grave (MEDINA, 1990, p. 30).

A superação dessa tensão inicial só será possível, na medida em que o repórter substituir a técnica jornalística de obter informação de uma fonte, por uma atitude que crie uma atmosfera de trabalho baseada na confiança e no respeito mútuo, o que se poderia denominar de interação social criadora.

Ao se realizar uma entrevista, qual seria o propósito comunicativo do entrevistador e do entrevistado? Eis um dilema histórico do gênero que se pretende desvendar na próxima seção.

5 AFINAL, QUAL É O PROPÓSITO COMUNICATIVO DA ENTREVISTA: INFORMAÇÃO OU OPINIÃO?

Os estudos realizados por Bakhtin (2011) sobre o enunciado enquanto unidade de comunicação verbal procuram estabelecer como função da linguagem o processo de interação entre os sujeitos do discurso. Essa concepção foi antecedida por outros estudos realizados na área da Linguística no século XIX, que colocavam a comunicação como função secundária da linguagem, reservando ao primeiro plano a função formadora do pensamento. Conforme assinalou Bakhtin (2011, p. 270) “a linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de um falante

sem a relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva”. De acordo com essa perspectiva, somente o locutor exerce papel de protagonista na comunicação verbal, relegando ao ouvinte, quando reconhecido neste contexto, uma condição absolutamente passiva. Bakhtin (2011) ainda afirma que, embora essa representação da comunicação verbal não esteja de todo errada em alguns aspectos, ela não dá conta de representar todo processo complexo da comunicação verbal.

A compreensão do conceito de interação na perspectiva bakhtiniana é fundamental para que se compreenda a considerável variedade de motivos que conduzem os interlocutores à interação verbal. Dentre esses motivos podemos destacar, por exemplo: informar, persuadir, reclamar, gerar uma ação, opinar, ensinar etc. Para a consecução dos motivos ou objetivos citados, os interlocutores da interação verbal possuem algumas alternativas de comunicação reconhecidas socialmente, em função de sua padronização textual e discursiva, que denominamos gêneros discursivos. A escolha de um determinado gênero discursivo adequado ao contexto de interação verbal está estreitamente vinculada a esses motivos, objetivos ou, mais precisamente, a esses propósitos comunicativos. A citação a seguir ilustra bem essa relação entre gênero discursivo e propósito comunicativo:

E o que são gêneros discursivos, afinal? São padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas (CAVALCANTE, 2013, p. 44).

A esfera social do jornalismo é constituída por um número considerável de gêneros discursivos, materializados em textos orais e escritos veiculados em diversos suportes. No processo de interação sociodiscursiva desse campo de atividade, o gênero é selecionado a partir do propósito comunicativo de seus interlocutores. Historicamente, os gêneros discursivos jornalísticos estão classificados em duas categorias que refletem os seus propósitos comunicativos: os informativos e os opinativos. Essa classificação enquadra o gênero discursivo entrevista na categoria informativa; no entanto, tal classificação, baseada em apenas dois propósitos, é bastante questionada por Melo (2003) em função de sua limitação, pois não contempla outros propósitos presentes na esfera jornalística como a persuasão, a interpretação e a diversão. Além dessa limitação, existe enorme dificuldade em estabelecer limite entre a informação e a opinião, pois segundo afirma o autor,

Por mais objetiva que seja uma informação, no sentido de registrar fatos verdadeiros, reais, é óbvio que a percepção dos fatos depende do prisma da observação. Toda notícia é, portanto, angulada. Pode conter informações fidedignas, comprovadas, mas essa informação aparecerá de modo diferente em diversos jornais (MELO, 2003, p. 89).

Essa classificação dos gêneros discursivos jornalísticos provoca uma discussão sobre a natureza dessas duas categorias, que pode ser colocada da seguinte forma: será que o jornalismo informativo efetivamente limita-se a informar? E o opinativo fica circunscrito à opinião? Essa dificuldade em enquadrar os gêneros discursivos jornalísticos, e o gênero discursivo entrevista em particular, reflete a imprecisão conceitual sobre essa área da comunicação de massa, embora se realizem pesquisas sistemáticas há mais de um século sobre os fenômenos jornalísticos. Essa falta de precisão conceitual não significa que o progresso alcançado com as pesquisas nesse campo não tenha logrado rigor conceitual ou exatidão analítica, mas que, conforme enfatiza Melo (2003, p. 13), “o progresso da pesquisa mantém-se descompassado em relação às mutações vertiginosas do próprio campo”.

Já Morin (1973) afirma que a entrevista tem como objetivo a informação. Embora ele reconheça que a informação é o propósito comunicativo da entrevista, nas esferas da psicologia social e da comunicação de massa, o autor estabelece diferença na natureza da informação: na comunicação social, a informação está vinculada a um fim espetacular, enquanto na psicologia social, a informação objetiva seu enquadramento num sistema metodológico, hipotético e verificador. Admitindo que o propósito comunicativo do gênero discursivo entrevista jornalística extrapola o caráter informativo, ele reconhece o fenômeno psicoafetivo como uma variante constitutiva da própria comunicação ao afirmar que “em todos os casos a palavra informação é insuficiente para esgotar a natureza da entrevista” (MORIN, 1973, p. 116).

Esse efeito psicoafetivo pode comprometer a objetividade do propósito informativo da entrevista, na medida em que a informação pode ser deformada ou falseada. Essa perspectiva de Morin (1973) endossa o pensamento de Bakhtin (2011), que afirma a impossibilidade da existência de enunciados neutros, sem traços marcantes da subjetividade de seu autor em diálogo permanente com o outro ou os outros sujeitos do auditório discursivo. Bakhtin (2011, p. 156) afirma que “O contexto que enquadra lapida os contornos do discurso de outrem como um cinzel do escultor”. Logo se percebe a capacidade do texto jornalístico de imprimir um tom valorativo aos acontecimentos sociais ou discursos submetidos a essa esfera social. A visão do acontecimento disponibilizada pela ótica da esfera do jornalismo ao cidadão é previamente articulada, mas a mídia tenta convencer sua audiência de que se trata de uma visão em estado natural.

Charaudeau (2013) salienta que é impraticável colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a uma fonte de informação. Ele ainda afirma que nenhuma informação pode, por definição, buscar a transparência, neutralidade ou a factualidade, pois a linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade. Nessa perspectiva, podemos constatar que a informação nunca é repassada em seu estado bruto, pois sofre a influência do sujeito que a integra

por meio de uma relação dialética. Distanciando-se da perspectiva que enquadra a entrevista jornalística como uma categoria cujo propósito comunicativo é a informação, e se aproximando da concepção bakhtiniana de linguagem como instrumento comunicativo de interação entre os sujeitos do discurso, o autor afirma que

O olhar que estrutura o acontecimento é também duplo: o olhar do sujeito ao produzir o ato de linguagem que transforma o acontecimento bruto em acontecimento significante, e o olhar do sujeito interpretante que reestrutura o acontecimento previamente significado, segundo sua própria competência de inteligibilidade (CHARAUDEAU, 2013, p. 96).

Em relação à indefinição desses autores sobre o propósito comunicativo da entrevista, neste trabalho, entendemos que a classificação dos gêneros discursivos jornalísticos em informativos e opinativos, e a do gênero discursivo entrevista em informativo não dá conta de descrever a realidade discursiva desses gêneros, pois para se realizar uma classificação próxima da realidade discursiva é preciso que outros propósitos comunicativos sejam contemplados nessa relação, além de reconhecer a recorrência de mais de um propósito comunicativo simultaneamente na realização de uma entrevista jornalística.

Na próxima seção, última deste ensaio, para efeitos de conclusão, apresentamos um estudo sobre a formação das instâncias de produção e de recepção da entrevista jornalística e seus papéis em relação ao discursivo veiculado na entrevista.

6 PARA CONCLUIR: A RELAÇÃO ENTRE AS INSTÂNCIAS PRODUTORA E RECEPTORA DA ENTREVISTA

Na retextualização de uma entrevista da modalidade oral para a modalidade escrita da língua, o contexto de interação discursiva sofre modificações com a inserção da editoria e leitor. O entrevistado, personagem central da entrevista face a face, passa a exercer o papel de objeto do discurso na entrevista retextualizada, ocupando o espaço na condição de conteúdo temático. Porém, é perceptível a presença de vestígios da relação interlocutória da entrevista original, ou seja, mesmo com o texto retextualizado é possível identificar as marcas do entrevistador e entrevistado. Para desenvolver o estudo sobre a presença desses novos sujeitos sociais na entrevista, utilizamos as nomenclaturas “instância produtora”, para os envolvidos no processo de editoração da entrevista, e “instância receptora”, para os envolvidos no processo de recepção; pois se tratam de entidades compósitas que agregam diversos tipos de atores dos respectivos auditórios sociais.

Geralmente, os estudos realizados sobre os sujeitos sociais envolvidos na realização da entrevista escrita consideram que a instância receptora é formada pelo público. Entretanto, esse

público é composto por uma enorme diversidade de atores, sendo impossível abordá-lo de maneira global ou reconhecer a sua identidade social de forma precisa. Embora essa diversidade tenha influência direta de fatores sociais e econômicos, sua principal causa é a relação entre os dados desses *status* e a representação mental na apreensão dos acontecimentos, em função da forma como são apresentados. Sua influência na entrevista ocorre de forma tão sutil que, às vezes, passa despercebida a um olhar distraído e pouco reflexivo.

A influência da instância de recepção na realização de uma entrevista é tão marcante que se transforma no principal objetivo a ser alcançado pela instância de produção. A citação a seguir demonstra a importância da audiência no processo de interação discursiva:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2011, p. 302).

A partir dessa perspectiva, pode-se verificar que a editoria da entrevista, instância de produção, considera a audiência em suas perspectivas intelectual e afetiva no processo de produção da entrevista, a fim de apresentar um produto final de acordo com as expectativas desse segmento. Na primeira perspectiva, seus atores sociais são considerados capazes de realizar um julgamento crítico com relação àquilo que lhes é apresentado. Já na segunda, de maneira diferente da primeira, seus atores são aqueles que se acredita não realizarem nada de maneira racional, mas sempre se utilizam de modo inconsciente de reações de ordem emocional. Em determinadas situações, essas perspectivas se manifestam simultaneamente nos mesmos atores sociais, o que exige um conjunto de habilidades ainda maior por parte dos interlocutores para atingir esse público. Sobre essa classificação dos atores sociais em objetivos ou subjetivos, racionais ou afetivos, Garrett (1977) destaca:

Os assistentes sociais (entrevistadores) às vezes opõem o que chamam “situação real” do cliente (entrevistado) aos seus problemas emocionais. Essa separação não é feliz, porque nos faz muitas vezes agir como se as duas áreas se excluíssem reciprocamente (GARRETT, 1977, p.27).

Compreendendo que as reações intelectivas e afetivas do público que compõe a instância receptora variam de uma mídia para outra ou até mesmo dentro da mesma mídia, a instância produtora midiática tira proveito dessa situação na medida em que sabe produzir um produto (notícia) de acordo com o segmento da audiência escolhido como alvo. Diariamente, nos meios de comunicação dos vários suportes, é possível perceber a exibição de diversas entrevistas com estilos,

objetivos e finalidades específicas de acordo com o destinatário-alvo. Para cumprir tal finalidade, a editoria produz entrevistas direcionadas ao alvo intelectual, considerando sua capacidade de analisar o seu interesse com relação ao que lhe é proposto, sua capacidade de julgar a credibilidade da empresa jornalística e das fontes de informação, além de sua acessibilidade por meio de uma linguagem acessível, evitando a utilização de uma retórica excessivamente rebuscada ou técnica. Nesta perspectiva, Charaudeau afirma que

Todas as escolas de jornalismo e os manuais de redação insistem nesse aspecto da escritura jornalística, aconselhando evitar uma retórica considerada muito escolar ou universitária, explicações muito complexas e o uso de um vocabulário excessivamente técnico (CHARAUDEAU, 2013, p. 81).

Por essa e por outras razões, o jornalista, ao organizar uma entrevista que irá exhibir opiniões ao público, justificativas ou argumentos técnicos por meio da palavra de especialistas, não poderá fazer como se ocorresse em um laboratório ou no espaço acadêmico, pois a palavra que é utilizada pelos meios de comunicação de massa é uma palavra necessariamente simples e desprovida de sua especificidade.

O receptor-alvo afetivo é caracterizado pela mídia como aquele que não faz uso de elementos racionais na interpretação das informações apresentadas pela fonte em uma entrevista, mas sim de fatores psicoafetivos. Para atingir esse auditório social em sua afetividade, as mídias buscam trabalhar sua personalidade por meio de entrevistas com interlocutores que versam sobre elementos que representam socialmente as emoções como o inesperado, o repetitivo, o insólito, o trágico etc. Como se pode observar, a editoria da entrevista impressa se orienta pela visão que projeta de seu destinatário alvo ou público, procurando atingi-lo em suas dimensões intelectual ou afetiva.

Sobre a influência da audiência no processo de editoria da entrevista de revista, Rodrigues (2001 *apud* SILVA, 2009, p. 69) afirma que “a projeção do interlocutor e de seu fundo aperceptivo [...] orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor”. Essa influência é fruto da lógica do mercado que impõe à empresa jornalística a necessidade da captação de um amplo público consumidor para o seu produto, com a finalidade de torná-lo viável no mercado, garantindo sua sobrevivência empresarial. Na opinião de Charaudeau (2013), essa necessidade de produzir informações com credibilidade, por meio de grau zero de espetacularização, entra em conflito com a também necessidade de encenar a informação para satisfazer a afetividade ao produzir efeitos dramatizantes na grande audiência. Desse modo, esse autor destaca:

Na tensão entre os polos de credibilidade e de captação, quanto mais as mídias tendem para o primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão (CHARAUDEAU, 2013, p. 93).

Em outra extremidade desse universo discursivo está localizado outro segmento compósito, a instância produtora, que pode variar em sua configuração de acordo com a empresa jornalística na qual está inserida. No contexto jornalístico, sua presença é tão intensa que suscita dúvida sobre a verdadeira autoria da notícia ou informação veiculada em determinado suporte midiático, haja vista sua participação decisiva em todas as etapas do processo. Para compreender melhor a questão da autoria de um texto, Bakhtin (2011, p. 308) afirma que: “todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)” ou, ainda, que

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (BAKHTIN, 2011, p. 330).

Compreender o complexo processo que é determinar a autoria do gênero entrevista é importante para entender a natureza compósita da “instância produtora” desse gênero. Uma audiência menos atenta atribui facilmente a autoria de uma entrevista ao repórter ou jornalista que a conduziu, no entanto, a realização de uma entrevista passa por inúmeras etapas que envolvem outros atores em sua realização. O produto pronto e acabado que se encontra nas mãos da audiência, nesse caso a entrevista impressa de revista, é resultado do trabalho, da participação e do envolvimento de outros sujeitos sociais, às vezes, invisíveis ao leitor, mas que atuam de forma direta na produção de uma entrevista, ocupando, no mínimo, o espaço social de coautoria.

A entrevista é uma técnica que está inserida em um complexo conjunto de variáveis, cujo ponto de partida é a pauta, e todo processo pode ser intitulado de edição. Ao contrário do que se imagina, a edição de uma entrevista não fica restrita à execução de uma matéria, independente do suporte, mas, contrariando a maioria dos manuais e as normas de redação, passa pela formulação da pauta, pelo trabalho de campo, pela redação e edição final. Essas etapas são executadas por vários participantes – os da direção, os da programação, os da redação e os operadores técnicos - todos participando na fabricação de uma notícia midiática com aparência unitária e homogênea, mas que, na verdade, é uma coenunciação, cuja versão final representa a perspectiva ideológica da empresa jornalística.

Nesse contexto, o entrevistador, embora seja a figura de maior destaque, não é o único ator. Neste sentido, a expressão “instância de produção” designa os diferentes sujeitos sociais que contribuem para a produção do texto final da entrevista impressa. Essa conjuntura explica a dificuldade em determinar a autoria da notícia jornalística da entrevista retextualizada, mesmo quando é assinada por um jornalista, em função das modificações realizadas no texto original por outros autores na instância da produção. Esse processo de coautoria do gênero entrevista encontra ancoragem teórica na classificação estabelecida por Alves Filho (2006 *apud* SILVA, 2009, p. 76), que classifica as autorias em: autoria de caráter individual privado; autoria de caráter socioprofissional; autoria institucional; e autoria cultural. Ainda para Silva (2009), o gênero entrevista impressa corresponde à junção da autoria socioprofissional e da autoria institucional.

A partir dessas considerações, concluímos que a comunicação midiática, no caso específico, o gênero entrevista impressa, como um ato comunicativo ou dialogal, trabalha com duas instâncias correlacionadas: a produtora e a receptora. A complexidade da relação não fica restrita às instâncias, mas dentro de cada segmento existe uma enorme e complexa rede, cuja compreensão de suas engrenagens é determinante para a compreensão crítica da natureza da notícia jornalística.

O estudo das teorias discutidas neste trabalho tem o propósito de fundamentar a construção de propostas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa na educação básica. Por essa razão, esforçamo-nos por apresentar a complexidade da descrição, interpretação e análise do gênero discursivo entrevista a partir de suas características sociofuncionais, dialógicas e discursivas, deixando aos docentes a tarefa de adequá-las ao seu contexto e projetos de ensino.

7 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.ed. 2.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL** v. 3, n. 4, p. 15-16, mar. 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Acesso em: 15 jan. 2014.
- GARRETT, Annette. **A entrevista: seus princípios e métodos**. 7.ed. Rio de Janeiro:Agir, 1977.
- GIORDANI, Rosselane. **Persuasão e subjetividade na entrevista jornalística**. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Paraná, Cascavel, PR: 2007.

HOFFNAGEL, Judith C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 195-208.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LODI, João B. **A entrevista: teoria e prática**. 5.ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, José M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2003.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, Bernand; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, N. R. da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

Title

The interview as a discourse genre: concepts and foundations.

Abstract

This essay aims to present theoretical studies on the discursive genre interview, as foundations for teaching projects in basic education. For this, we have consulted a brief and heterogeneous bibliography on this genre of discourse, published in Brazil in the last 40 years, from the epistemological fields of Philosophy of Language, Discourse Analysis, Textual Linguistics and other Social Studies. Works of this nature are justified by the difficulties faced by teachers of the Portuguese Language of Elementary and Secondary Education, regarding the availability of theoretical and practical materials on the genre interview, in order to assist them in the daily life of classrooms. We consider valid Marcuschi's (2008) statement that although they're not new, studies on discursive genres are in fashion. Despite this, however, there are few resources and consistent bibliographies on discursive genres, even though teachers are constantly guided by official documents to make them objects for teaching reading, text production and analysis and reflection on the language.

Keywords

Interview; Discourse Genre; Portuguese Language Teaching.

Recebido em: 06/02/2017.

Aceito em: 17/05/2017.